

# humanitas


Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



*Grega de Porto-Real, composto na Lingoa Portugueza para uso das Novas Escolas de Portugal*, pelo aveirense João Jacinto de Magalhães, cuja edição data de 1760.

Os Jesuítas regressam a Portugal pela mão de António Ribeiro Saraiva, diplomata de D. Miguel em Londres, no dia 13 de Agosto de 1829. Estabelecem-se em Lisboa, na «Missão Portuguesa». Logo são expulsos, com a publicação do decreto de 28 de Maio de 1834, que extingue as ordens religiosas. Para sobreviverem, os frades secularizados dedicam-se ao ensino do latim, fundamento de toda a educação literária. Aprendem-no os jovens candidatos ao ensino superior, e não apenas os aspirantes ao sacerdócio, como se depreenderá das novelas camilianas. A familiaridade de Camilo Castelo Branco com o latim, cujos primeiros rudimentos aprende com o Pe António de Azevedo, duram «a vida inteira: latim clássico, latim da patrística, latim escolástico, latim macarrónico, e medieval, e cristão, e renascentista».

Livro para especialistas, de âmbito universitário, também é compreensível ao público culto, cuja leitura se recomenda vivamente. Faz-lhe falta um índice onomástico, que aparece nos dois volumes anteriores, a facilitar o seu manuseamento.

É um naco de História feita e redigida por portugueses na língua internacional do séc. XVI, a Língua Latina. É um testemunho empolgante do encontro de civilizações e culturas, com preocupações evangelizadoras e de tolerância entre os povos.

Marca distintiva dos grandes homens, a *humanitas* norteou desde sempre a investigação do mestre conimbricense. Prova disso são estas palavras suas: «Foi a Literatura humanística que, no séc. XVI, revelou ao Mundo o papel de Portugal nos Descobrimientos Marítimos e na Expansão Europeia. Recordando a Literatura em latim, cumprimos um dever de gratidão para com os escritores do passado e acentuamos um aspecto importante, mas esquecido, da Cultura Portuguesa».

Continua a faltar uma obra de síntese sobre a História do Humanismo em Portugal. Esta seria a melhor prenda que o Prof. A. Costa Ramalho poderia ofertar a discípulos e amigos do saber que o têm como referência última da cultura renascentista, baseada num conhecimento rigoroso dos textos latinos, que lhe servem de suporte.

*António Maria Martins Melo*

TERÊNCIO, *Formião*. Introdução, tradução do Latim e notas de Aires Pereira do Couto. Lisboa, Edições 70, 1999. Coleção «Clássicos Gregos e Latinos», n.º 19

A coleção «Clássicos Gregos e Latinos» das Edições 70 conta agora com a tradução de mais uma comédia latina: o *Formião* de Terêncio, representada pela primeira vez nos Jogos Romanos de 161 a. C., e que é, no dizer do seu tradutor, “uma das mais bem construídas no conjunto da obra de Terêncio”.

A peça tem por cenário Atenas e conta a história dos amores infelizes de dois jovens primos: Antifão casara, num rebate de paixão, com Fânio, uma rapariguinha órfã e sem dote; Fédria perdera-se de amores por Pânfila, uma bela tocadora de cítara, propriedade do alcoviteiro Dorião – facto que não constituiria qualquer obstáculo aos seus propósitos amorosos, não fosse o nosso Fédria não dispor das trinta minas que o dono pede pela moça.

Toda esta situação se apresenta ainda mais dramática para os seus intervenientes porquanto se passa na ausência dos respectivos pais, os dois velhos irmãos Demifão e Cremes, cujo eminente regresso a Atenas faz antever um adensar das dificuldades.

Depois de um número considerável de peripécias e equívocos que farão as delícias do leitor moderno como fizeram as do público antigo, o Destino encarrega-se de resolver uma parte do conflito e a outra fica a dever o seu êxito à intervenção de um parasita, Formião, que dá nome à peça.

Este facto, de que nos dá conta o prólogo (vv. 25-26), constitui uma inovação no conjunto das obras de Terêncio, uma vez que se trata da única peça deste autor que não mantém a designação do original grego que lhe terá servido de modelo, o *Epidicazomenos* de Apolodoro de Caristo.

Formião é um parasita generoso e simpático, que se dispõe, desinteressadamente, a auxiliar os rapazes, e que, conseqüentemente, se apresenta bem diferente dos parasitas de outras peças. Como marca do carácter que lhe confere a designação, temos apenas o aproveitamento, no final da peça, para um jantarzinho “oferecido” em casa de Crêmes... o que, afinal não deixa de parecer uma recompensa razoável para quem revelou ser um elemento fundamental no desenlace deste drama familiar.

A leitura do texto latino da peça aparece na presente tradução antecedida de uma “Introdução”, dividida em três partes: a apresentação da “História” (pp. 9-15), uma breve explicação da “Estrutura” da peça (pp. 15-16) e a caracterização das “Personagens” (pp. 16-18).

Na primeira parte, são apresentados, de modo pormenorizado, os passos em que se desenrola a intriga da peça: as angústias dos dois jovens, a chegada dos respectivos pais e argumentação de Formião, que em ambos os casos, conduz a um final feliz.

Este esboço da “História” representa, no caso concreto desta peça onde se conjugam de modo estreito estas duas intrigas amorosas de acção complexa, um elemento de grande utilidade, pois, sem prejuízo para o gosto que se poderá retirar do texto em si, ajuda a dissipar alguns dos obstáculos com que se pode deparar o leitor ao contactar com um texto que, a seu tempo, fora composto não para ser lido mas para ser representado.

Na parte dedicada às “Personagens”, que são segundo o tradutor “o que mais conta para Terêncio” (p. 16), somos levados a verificar o característico modo pelo qual o poeta latino criava as figuras das suas peças. Nesta obra em particular, este aspecto é patente, sobretudo, na construção das figuras principais, que se apresentam com papéis simétricos e caracteres antagónicos; é o caso dos dois velhos irmãos: Cremes, fraco e tímido, que se opõe a Demifão, severo e enérgico, e que, por sua vez, são também o oposto dos respectivos filhos, Fédria, desinibido e audaz, que se contrapõe, também

ele, ao primo, Antifão, moderado e obediente. A peça apresenta ainda uma galeria de personagens secundárias onde se pode notar também marcas das figuras de Terêncio, nomeadamente na suavização de certos caracteres que poderiam aparecer menos simpáticos ao público; tal acontece com Nausístrata, a terrível e temível mulher de Cremes, que afinal até possui um bom coração e acaba por perdoar os devaneios de juventude do marido, ou com o alcoviteiro Dorião que, embora calculista e insensível, não chega a ser repulsivo.

A tradução mantém o estilo ligeiro que caracteriza as comédias de Terêncio, atualizado com as didascálias e a divisão em actos que o texto latino não possuía, e apresenta algumas notas de carácter elucidativo quando se torna necessário esclarecer algum pormenor que pudesse dificultar a compreensão do leitor. Noutros casos, as notas destinam-se (como é habitual nas traduções dos textos clássicos) a dar conta do afastamento em relação à versão latina proposta pela edição de base, previamente indicada: a de KAUER, R.-LINDSAY, W.M., Oxford, Clarendon Press, 1926; suppl. SKUTSCH, O., 1958 (1961).

A bibliografia é também ela breve e refere apenas edições e estudos considerados de maior interesse, remetendo o tradutor, em nota, para a indicação de onde encontrar um repertório completo de estudos sobre a obra de Terêncio.

Assim, encontramos-nos na presença de mais uma obra que serve o objectivo expresso na apresentação da Coleção em que se insere de “dar ao público de língua portuguesa, em traduções cuidadas e no máximo fiéis, as obras dos autores gregos e latinos que, sobrepondo-se aos condicionalismos do tempo e, quantas vezes, aos acasos da transmissão, chegaram até nós.”

*Ana Elias Pinheiro*

TEOFRASTO, *Os caracteres* (introdução, tradução e notas de Maria de Fátima Silva), Relógio D'Água Editores, Lisboa 1999, 113 pp.

A perenidade dos Estudos Clássicos, pelos conteúdos intemporais que informam o pensamento dos Autores da Grécia e Roma antigas, mantém acesa uma chama de interesse evidente entre o público contemporâneo. Os meios de comunicação mais modernos, como a televisão e o cinema, aproveitam essa herança cultural, produzindo trabalhos inspirados em obras de legado helénico-romano, em áreas que visam um público diversificado, tanto do ponto de vista etário como sócio-cultural. A título de exemplo, basta recordar algumas das mais conhecidas e recentes produções internacionais dentro do género: o *Hércules* dos Estúdios de Animação da Disney, realizado para o grande ecrã, a *Odisseia*, apresentada aos telespectadores portugueses do canal 1 da RTP numa série de dois episódios e um número vasto de programas de divulgação inseridos na rubrica *O lugar da história* (dedicados, entre outros, a